

JUVENTUDES E LAZER: interações e movimento*

Celecina de Maria Veras Sales¹⁷⁴

Universidade Federal do Ceará

Resumo

A presença das relações grupais no cotidiano dos jovens e a necessidade de agrupar-se podem ser verificadas em diferentes espaços, como a rua, praça, escola, igreja. Considerando a centralidade que o grupo, o corpo e o lazer têm na vida dos/as jovens, investigamos sobre o significado de lazer para os/as jovens. As questões norteadoras da pesquisa foram: Que alternativas são oferecidas como espaços de lazer para os jovens pobres do campo e cidade? Os/as jovens estariam em seu tempo livre traçando novas formas de conexões e interações? O grupo constitui para os/as jovens uma forma de lazer e de ocupar o tempo livre? Há diferenciações do lazer entre os gêneros? Os sujeitos da pesquisa foram jovens pobres, do Assentamento Rural José Lourenço, situado no município de Chorozinho-CE e jovens da cidade, estudantes da Escola Estadual de Educação Profissional Paulo Petrola, localizada no bairro Barra do Ceará, periferia de Fortaleza. Embora esta pesquisa seja qualitativa, foram aplicados questionários com o objetivo de mapear os grupos existentes na escola. Os outros procedimentos metodológicos utilizados foram: grupo de discussão, entrevistas, observação e diário de campo. Para esses/as jovens o lazer ocorre em grupo. Portanto, o lazer faz parte tanto dos desejos pessoais, como dos desejos coletivos e por isso, tem conexão com seus percursos, seus sonhos, seus corpos, seus grupos. Portanto o lazer é algo que vem associado a outras questões, pois desejar tem o sentido de construção, de *construir um conjunto*.

Palavras-chave: juventudes, lazer, corpo.

174 Recebido em: agosto/2013. – Acesso em: setembro/2013.

Pós-Doutora em Sociologia. Professora adjunta da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Educação Popular e Sociologia Rural, com ênfase em Juventude Rural e Relações de Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: juventude e cultura, juventude e política, gênero, mulher e política, rural, educação popular e movimentos sociais.

E-mail: celecinavs@gmail.com

Youths and leisure: interactions and movement.

Abstract

The presence of group relations in the daily life of young persons as well as their need for establishing groups may be found in different areas, such as the street, the square, the school and the church. Since the group, the body and leisure time are essential in young persons' lives, we investigated the meaning of leisure for them. The questions which guided this research were: Which alternatives are offered as leisure spaces for young persons in poor rural and urban areas? In their free time, they plan new ways of connections and interactions? The group is for young persons a leisure activity and a way to occupy their free time? Are there differences in leisure related to gender? The research subjects were poor young persons who live in a rural settlement "José Lourenço", located in "Chorozinho" a town in "Ceará" state and urban young students who attend a state professional school "Paulo Petrola", located in "Barra do Ceará" district, in "Fortaleza" outskirts. Although this research is qualitative, questionnaires were applied with the objective of identifying the existing groups in the school. The other methodological procedures used were discussion groups, interviews, observation and field diary. For these young people, leisure occurs in groups. Therefore, leisure is part of both their personal and collective desires, and due to this fact, it has connection with their journeys, their dreams, their bodies, their groups. So leisure is something which is associated with other questions since to desire has the meaning of building, *building an association with others*.

Keywords: youth, leisure, body.

Esse trabalho destaca corpos em movimento. Jovens que produzem condições de vida coletiva e também vida para si próprio. São sujeitos que, em grupo, articulam lazer, prazer, arte e produzem significados para as novas interações, tematizam a diversidade.

Historicamente, lazer foi entendido como tempo livre. Na Grécia antiga, o tempo livre era denominado de ócio¹⁷⁵, e essa condição era importante para tornar-se livre e feliz. O ócio era

175 1 A palavra "ócio" é proveniente do grego que significa skole. Para Aristóteles, o ócio era uma condição ou estado de estar livre da necessidade de trabalhar, contrapondo o ócio à ação (GUERRA FILHO, 2004).

também um processo de educação, de construção de atividade intelectual. Na idade média, em Roma o ócio consistia na busca de diversão. As atividades laborais eram consideradas secundárias e essa situação toma nova configuração com a revolução industrial, quando ocorreram mudanças significativas nas relações de trabalho e no lazer. O tempo livre passa a ser oposição ao trabalho profissional (GUERRA FILHO, 2004).

Entre as diversas definições da sociologia do lazer destacamos a de Dumazedier (1999) com base em seus quatro enfoques. O primeiro concebe o lazer como uma forma de comportamento e, portanto, pode ser encontrado em qualquer atividade, como por exemplo, desenvolver o trabalho profissional ouvindo música, os afazeres domésticos assistindo televisão, estudar e conversar na internet. No segundo enfoque, o lazer é visto em oposição ao trabalho profissional, o não trabalho; no terceiro, o lazer, além de se opor ao trabalho profissional, também exclui as obrigações doméstico-familiares; no quarto enfoque, o lazer é definido como tempo orientado para realização da pessoa, tempo em que o indivíduo se libera a seu gosto da fadiga, do tédio, divertindo-se (p. 92).

Para o nosso estudo destacamos as quatro características específicas do lazer sugerida por Dumazedier (1999): o *caráter liberatório* que resulta da livre escolha, liberação de obrigações fundamentais primárias, impostas pela família, religião, escola; o *caráter desinteressado*, quando o lazer não está fundamentalmente submetido a fim lucrativo; o *caráter hedonístico*, quando o lazer se define pela necessidade da pessoa e é marcado pela busca de satisfação; o *caráter pessoal*, quando responde às necessidades do indivíduo. A partir dessas características, o autor conclui que o *lazer mais completo* é quando oferece ao indivíduo a possibilidade de libertar-se das fadigas, do tédio cotidiano, da rotina e ter livre superação de si mesmo (p. 94-97).

Ao pensar sobre lazer e suas características é quase impossível dissociá-lo da juventude, como diz Pais (1993), “[...] pode-se mesmo dizer que quem não quiser falar de lazer deve calar-se, se sobre juventude quiser falar.” (p.132).

As características de lazer anunciadas por Dumazedier (1999) nos fazem refletir sobre como o lazer vem sendo pensado para os jovens na nossa sociedade. Podemos afirmar que é

recorrente como os espaços de lazer estão sempre articulados a espaços de cultura, arte e esporte e relacionados com a juventude. Essas conexões se justificam pelo tempo livre e tempo de diversão da juventude, e também pelo pressuposto que espaço de lazer é uma opção para ocupar o tempo livre dos jovens, ocupar mente, levar o corpo à exaustão para tirar os jovens da rua, viabilizar políticas de inclusão de jovens pobres, inclusive aqueles considerados em situação de risco social.

Os espaços de cultura, arte, esporte e lazer são apresentados como alternativa de participação, para que os/as jovens possam reagir à exclusão econômica, social e cultural. Contudo, esses espaços não atendem a demanda tanto no que se refere à quantidade quanto às necessidades e satisfação pessoal dos jovens.

Outra visão contemporânea sobre o lazer e juventude é a potencialidade de consumo que a indústria cultural e a indústria do lazer visualizam através dos/as jovens. O lazer se transforma em mercadoria, com toda uma estratégia de marketing, com suas ofertas de espaços privatizados. O corpo dos/as jovens se transforma em vitrine desse mercado que cria necessidades, como as marcas de tênis, roupas para desenvolver esportes. O mercado fabrica corpos de atletas, indumentárias para cada estilo de ser jovem, como por exemplo, a roupa de surfista, de roqueiro.

O corpo juvenil anuncia novidades, formata estilos, produz desejos e necessidades, mas também cria resistências. “O corpo em seu movimento cotidiano, através de diversas linguagens, anuncia seus desejos e sentidos. Criando cultura, cultivando projetos e sonhando horizontes proclama a vida com dignidade.” (SAMPAIO, 2009).

Qual o significado de lazer para os/as jovens? Que alternativas são oferecidas como espaços de lazer para os jovens pobres do campo e cidade? Os/as jovens estariam em seu tempo livre traçando novas formas de conexões e interações? O grupo constitui para os/as jovens uma forma de lazer e de ocupar o tempo livre? Há diferenciações do lazer entre os gêneros?

Para responder às questões que instigaram nossa pesquisa¹⁷⁶, procuramos entender os/as jovens a partir de

176 Pesquisa Juventudes, Grupalidades e Lazer. Os nomes dos/as jovens investigados/as que aparecem no texto são fictícios para resguardar sua identidade.

suas falas, valorizando o discurso e a compreensão que os/as próprios/as jovens têm sobre sua realidade e sobre eles/as mesmos/as.

A pesquisa foi realizada com sujeitos jovens do campo, precisamente do Assentamento José Lourenço, situado no município de Chorozinho, sertão central da região Centro-Sul do Ceará, a 64 km de Fortaleza, e com jovens da cidade, estudantes da Escola Estadual de Educação Profissional Paulo Petrola, localizada no bairro Barra do Ceará, periferia de Fortaleza.

A Escola, lócus da pesquisa, tem ensino médio profissionalizante¹⁷⁷, funciona em tempo integral e oferece os cursos de Enfermagem, Turismo, Informática. Sua proposta de ensino tem por objetivo articular o currículo do ensino médio com a formação para o mundo do trabalho. As atividades foram realizadas com as turmas de Informática e Turismo, com 80 estudantes.

Embora tenhamos optado por uma pesquisa qualitativa, aplicamos noventa questionários na escola, os quais foram respondidos por 66% de jovens do sexo feminino e 34% do sexo masculino. Nossa pretensão foi mapear os grupos existentes na escola e obter dados para aprofundarmos no decorrer da pesquisa. Os demais procedimentos metodológicos utilizados foram grupo de discussão, entrevistas, observação e diário de campo.

O que é lazer?

As atividades de lazer são sempre pensadas para os jovens, como forma de ocupar o tempo livre dos jovens, mas nem sempre se traduzem em escolhas prazerosas. Mas o que é lazer?

O lazer se define positivamente no tocante às necessidades da pessoa, mesmo quando esta as realiza dentro de um grupo de sua escolha. Na quase totalidade das pesquisas empíricas, o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si. (DUMAZEDIER, 1999, p. 95).

177 O formato de ensino profissionalizante adotado nesta escola foi uma adaptação do modelo implantado em Pernambuco, foi iniciado no Ceará em 2008 pelo Governo Estadual inicialmente em 25 escolas.

Para os/as jovens investigados/as a concepção de lazer não contradiz o conceito de Dumazedier, pois o lazer está associado ao estado de satisfação, de descontração, prazer, alegria, momentos em que eles não necessitam cumprir uma obrigação.

Assim, porque é um momento de descontrair né, é fora da sala de aula. A gente não tando dentro da sala direto, a gente tando fora, já é um momento de descontração. (João, 2º ano de Informática, 17 anos).

A diversão? É aquela sensação de prazer, aquela adrenalina que você sente quando tá treinando. Pra mim quando eu to treinando ali , tô me sentindo muito feliz. (Lucas, jovem do Assentamento, 7ª série, 17 anos).

Pra mim lazer é uma forma de se expressar, de expressar o que a gente tá sentindo, porque a dança é uma expressão corporal. (Amália, 2º ano de Turismo, 17 anos).

Lazer é ficar alegre, gostar do que tá fazendo. Quando eu vou pra escola! Que eu vou mais as amigas, aí eu me divirto mais. Vão tudo apertada dentro do carro, aí começa a gritar. (Ana, jovem do Assentamento, 8ª série, 14 anos).

O lazer para esses/as jovens tem o sentido de ter liberdade de expressão, poder gritar, por exemplo, e principalmente estar entre amigos/as. O transporte escolar que leva os/as jovens do Assentamento para escola, embora seja uma Kombi em condições precárias e carregue um número de estudantes maior que sua capacidade, causa satisfação e divertimento.

Dependendo da situação, o lazer pode acontecer em um meio de transporte, na escola, em uma quadra, em casa, em espaço virtual.

O que eu considero que é lazer? O esporte, essa parte de esporte isso é pra mim, né? E pras outras pessoas da informática, passar horas e horas na frente do computador. Com certeza é lazer. (José, 2º ano de Informática, 17 anos).

O esporte e a dança são as atividades de lazer mais citadas pelos/as jovens do campo e da cidade e não necessariamente são times ou grupos formalizados, mas são momentos de encontro, de exercitar o corpo.

Break é nossa maior diversão. Nós acha tão divertido o break, que nós só se dedica a ele. Quando tem um rachinha ali nós vamo. Mas é pouco. (Lucas, jovem do Assentamento, 7ª série, 17 anos).

Eu danço funk mais as meninas mesmo! Funk... ou qualquer tipo de dança mesmo! (Ana, jovem do Assentamento, 8ª serie, 14 anos).

A gente bota o som e vai dançar funk. Aqui em casa mesmo, a gente fica... liga o som aqui dentro e vai dançar na área. Eu e as minhas duas primas. Mas é muito bom, porque assim a gente tira todo o estresse do... da semana toda, que a gente passa a semana trabalhando. Final de semana a gente sai pra... pra se divertir, a gente tira todo o estresse da semana quando a gente passa semana trabalhando. (Julia, jovem do Assentamento, 1º ano do ensino médio, 15 anos).

Várias práticas esportivas, né, que é legal, tanto futsal, como vôlei e outras coisas. (Fernando, 2º ano de informática, 17 anos).

Para os/as jovens pesquisados/as do campo e da cidade, lazer está relacionado com tempo livre, pois os/as mesmos/as consideram que o excesso de aulas, horas de estudos ou, no caso do campo, associar trabalho e estudo requer ter também momentos de mais liberdade e desobrigação.

Até porque ficar o dia todo estudando. É dez horas por dia, nove aulas. Só tem o horário de almoço que a gente acaba estudando também. Chega em casa a noite, estuda mais um pouco. Aí só tem o final de semana mesmo pra se divertir. Aí é... mais lazer. (José, 2º ano de Informática, 17 anos).

A escola, a família, as políticas públicas querem ocupar, controlar e vigiar o tempo livre dos/as jovens. A disciplina, segundo Foucault (2001) é uma técnica que fabrica indivíduos úteis, no caso da escola profissionalizante, as nove horas que os/as jovens estudantes passam diariamente na escola, com seus horários e regras, é uma forma de aumentar a produção de saber e de atingir as metas de ingresso na universidade proposta pelo Estado à direção da escola.

Além da juventude, a gente precisa de lazer, porque a gente é muito focado aqui no colégio pra entrar na faculdade e a gente tem estágio também. A gente precisa de lazer pra realmente desestressar de tudo que eles colocam aí pra cima da gente. (Emílio, 2º ano de Informática, 17 anos).

O fato de os jovens permanecerem em dois turnos na escola justifica as constantes reclamações sobre a falta de tempo livre. Eles sentem-se sobrecarregados pelas exigências e regras impostas pela escola; por isso, resignificam os espaços e momentos de sociabilidade no horário do almoço, nos intervalos, nas aulas de educação física. Isso nos faz refletir e questionar sobre o papel da escola na vida dos jovens do campo e da cidade e também como a escola vê os/as jovens.

A escola impõe regras, de uma forma que acabamos achando que a escola manda na gente. Nós já tentamos falar mais não somos ouvidos! Queremos jogos na quadra, uma internet de qualidade. A escola não nos dá liberdade com medo de fazermos alguma coisa. Trata a gente como criança! (Paula, 2º ano de Turismo, 17anos).

Podemos perceber que a Escola se preocupa com o processo de ensino aprendizagem, com a transmissão de saberes institucionalizado. Entretanto, como diz Damasceno (2001), a escola não reconhece o saber, a cultura, a experiência dos alunos, não reconhece que os/as alunos/as trazem para a escola um projeto, mesmo que restrito. “A escola é parte do projeto dos alunos.” (p. 23).

No assentamento, esse sentimento de falta de liberdade e aceitação dos grupos também é evidenciado pelos jovens. Os/as participantes do break sentem-se injustiçados pelos adultos, pela associação do assentamento, pela direção da escola por discriminarem sua dança, seu estilo.

Nós passemos uma temporada treinando lá na escola, só que não deixaram mais não. Tem que ter um ofício, lá no Choró (sede do município) tem que ter um ofício de autorização do colégio, aí num deixaram mais não. Era dia de sábado e domingo. Nem aqui dentro (Assentamento), nós se reunimo, fomos lá nas irmãs ali do outro lado, pedimo menos um cantozinho lá detrás daquele balcão pra nós ensaiar menos no final de semana, mas, num deram também não. [...] eles vê nós de outro jeito. Pensa outras coisas, que você é vagabundo. Pensa que o break, leva a gente pro outro caminho, o mau caminho. (Lucas jovem do Assentamento, 7ª série, 17 anos).

A disciplina que se encontra na escola e também no assentamento tem a função de adestrar e controlar o comportamento e as atividades dos/as jovens. Embora os/as jovens resistam e criem formas de lazer nesses espaços que fogem as normas estabelecidas, o sistema disciplinar responde a essas rebeldias com punições que servem como corretivo; foi o que ocorreu com o grupo de break no assentamento depois de uma transgressão de um dos jovens do grupo, e, mesmo depois que o jovem transgressor saiu do assentamento, o grupo permanece sob avaliação. Isso porque a penalidade nas instituições disciplinares, segundo Foucault (2001) *compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui*.

Os mecanismos de punição trazem um discurso de prevenção, que, em geral, está relacionado com a proteção contra as drogas ou a regulação da sexualidade. A disciplina e as normas estão voltadas à manutenção da ordem e ao controle dos corpos, que diferem conforme gênero.

Gênero, corpo e lazer

A discussão sobre a centralidade do corpo na sociedade atual merece destaque principalmente nos estudos da juventude. Na Grécia Antiga, “o corpo dos jovens está no centro das preocupações da cidade. Quer se trate de treinamento, de regime alimentar ou de aptidão para a vida coletiva, a cidade cuida do mundo juvenil como se cuidasse de seu próprio coração.” (SCHNAPP, 1996, p. 31). Para os cretenses, os bens mais importantes da sociedade eram classificados na seguinte ordem: saúde, beleza, exercícios físicos e riqueza; para os espartanos, a caça era fator importante da vida cívica. Nesse sentido, qualidades individuais e coletivas, treinamentos e iniciações em corrida e caça fazia parte do sistema educativo daquela época (SCHNAPP, 1996).

Na visão de Platão (1987), o homem é concebido como corpo e alma. Quando a alma se une ao corpo, a mesma se degrada, se acorrenta, se aprisiona ao corpo. O corpo consigna servidão e obediência, e a alma comando e senhorio; o corpo “equipara-se ao que é humano, mortal, multiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico” (p. 84); ao contrário, “a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotada de capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade” (ibidem).

O controle disciplinar dos corpos vem desde a época clássica, quando houve a descoberta do corpo como objeto de poder: “[...] encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam.” (FOUCAULT, 1987, p.125).

Na modernidade, diz Le Breton (2006), já não se opõem corpo e alma, mas homem e corpo, como se o corpo fosse dissociado do homem. Segundo o autor, nos anos 1960 surge um novo imaginário sobre o corpo, resultante de mudanças culturais geradas pelo movimento feminista e outros movimentos culturais, artísticos e juvenis. Contudo, por trás da ideia de corpo livre há o controle da liberdade (LE BRETON, 2006). Esse paradoxo

possibilita pessoas e grupos a ter experimentações, subverter tentativas de controle e, ao mesmo tempo, limita, uniformiza, cria rótulos, impõe padrões estéticos, como por exemplo, a aparência jovem, que tornou-se um valor em nossa sociedade. Esse cenário que molda e subverte nos leva a concordar com Le Breton (2006), quando o autor afirma que o corpo é lugar do contato com o mundo, o corpo é a marca do indivíduo, o corpo estabelece a relação sujeito e sociedade.

A compreensão de corpo nesse estudo parte de algumas noções que devem nortear a pesquisa. Primeiro, constatamos que existem diversas abordagens no estudo do corpo e ressaltamos a complexidade que envolve o tema; segundo, o corpo extrapola o biológico e, terceiro, o corpo é produto do contexto social (LE BRETON, 2006).

Nessa perspectiva, o corpo produz cultura e é significado pela cultura. Por isso mesmo, ao longo da história, o corpo sofre influências advindas de mudanças de hábitos, do estilo de vida, das inovações tecnológicas.

De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. (LOURO, 2001, p.15).

Essas imposições culturais sobre o corpo geram linguagens corporais, e, principalmente em grupos formados por jovens, observamos que a linguagem corporal tem o sentido de pertencimento e identificação.

No que se refere ao gênero e a sexualidade, percebemos que as imposições da escola, da família e da religião estabelecem uma linguagem corporal baseada em demarcações do masculino e feminino que essencializam as identidades de gênero, fazendo-se acreditar que há uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo (BENTO, 2006). Entretanto, constatamos que os avanços científicos têm incentivado a subversão

do corpo por meio da modificação e reconstrução do corpo e da transgressão de fronteiras sexuais e de gênero, como por exemplo, as cirurgias plásticas, a cirurgia de mudança de sexo.

Essas questões tão atuais sobre juventude, corpo, gênero e sexualidade tecem a realidade dos/as jovens, aguçam nossa curiosidade e trazem reflexões que nos levam à pergunta de Espinosa retomada por Deleuze: O que pode o corpo?

Essa pergunta reafirma nosso interesse em entender a linguagem corporal da juventude e suas conexões com as atividades de lazer dos/as jovens. Como pensar o lazer como satisfação, atividade prazerosa, descontração, com as restrições que o envolve? Afinal, lazer tem hora, local, idade, classe, cor e sexo?

Embora, na contemporaneidade, a cultura juvenil seja globalizada, o lazer de jovens pobre do campo e da cidade é restrito à sua condição econômica e social. Ou seja, cada tipo de música, de dança, de esporte é direcionado a um perfil de jovem. Com relação a gênero ocorre o mesmo: as famílias e a escola, definem um tipo de lazer mais apropriado a homens ou mulheres.

Como todo menino gosta de jogar futebol, né, eu não sou diferente, mas assim, é, há também uma grande amizade com os colegas de futsal e também é a prática esportiva é bem importante, né, aí acaba, como é que eu posso dizer, é, nos ajudando de todas as formas. (Fernando, 2º ano de Informática, 17 anos).

É porque assim, sai só os rapazes, entendeu?! As moças ficam em casa. Então assim, se meus irmãos quando eles vão sair, eles dizem assim, 'eu vou pra tal canto', e se eu disser assim, 'eu vou contigo', aí eles dizem assim, 'não. Se outras meninas fossem eu até poderia te levar, mas como vai só você de mulher, eu não te levo'. Então pra mim, pra a gente sair é assim, se for uma turma de menino com uma turma de menina, então a gente vai tudo junto, e se for só eu e seis meninos, eu já fico em casa e deixo pra eles irem só, só com os amiguinhos deles. (Júlia, jovem do Assentamento, 1º ano do ensino médio, 15 anos).

De mulher tem só minha irmã mesmo, por enquanto. É por no break a mulher é mais difícil de pegar, mas ela começou a ensaiar sozinha, mas agora ela tá treinando mais nós. (Lucas, jovem do Assentamento, 7ª série, 17 anos).

A divisão do lazer por sexo é naturalizado, principalmente com relação às práticas esportivas, porque o gosto é direcionado de acordo com o sexo e tudo que foge à regra torna o/a jovem diferente. As falas mostram como as jovens ainda são tuteladas pelos irmãos, embora isso apareça sob o disfarce de “cuidado” e “proteção”. É que permanece a concepção de fragilidade do corpo feminino, de corpo submisso, domesticado ou corpo silenciado como diz Perrot (2003).

A pesquisa nos leva a refletir sobre como as atividades de lazer dos/as jovens, danças e esporte, estão intimamente articuladas, tendo no centro o corpo e suas potencialidades. Interessante pensar que são também essas atividades que são propostas pelas políticas públicas, pelas escolas para jovens pobres com a preocupação de disciplinamento dos corpos. “As técnicas de disciplina corporal são assujeitadoras porque criam não apenas corpos padronizados, mas também subjetividades controladas” (MISKOLCI, 2006, p. 682). Contudo, o esporte, a dança são também formas de os jovens libertarem seus corpos na busca descontração, prazer e emoção.

Na família, a disciplina do corpo é operada pelo sistema de gênero que, por meio da educação diferenciada, determina lazer de meninos e lazer de meninas. Essa visão cristã do corpo e da sexualidade permanece enraizada mesmo entre jovens e isso pode ser demonstrado quando os/as jovens falam sobre a orientação sexual dos/as colegas. Percebemos que existe um avanço no que se refere ao respeito ao outro/a, mas em muitos momentos escorregam ao reproduzirem preconceitos incorporados em sua experiência cotidiana em diversos espaços de socialização.

A gente não tem preconceito, né. Com rosa, tipo assim, os homens que tem preconceito são os que têm essas besteiras. A gente não, é rosa, é roxo, é amarelo. E as meninas gostam da gente também por causa disso, a gente usa as coisas que elas tem. Tu viu meu cader-

no? Meu caderno é Jolie, o do R. é da Pucca, num tem nada a ver. (João, 2º ano de Informática, 17 anos).

Time A é o time da informática mesmo, porque aqui no colégio no intersalas, eu criei esse time B pela seguinte razão. No segundo ano de Enfermagem, não tem meninos pra jogar, são três meninos que tem lá e a gente queria representar eles, eles nunca tiveram ninguém que representasse eles. Elas, né? No caso (risos). A gente fez o time pra representar elas. Aí temos até hoje. Segundo ano de Enfermagem. Só que a gente, na verdade, é da informática. (Erasmus, 2º ano de Informática, 17 anos).

A reprodução de conceitos e preconceitos sobre gênero reafirma imagens expressas na mídia e os discursos e saberes produzidos sobre a sexualidade; isso significa a dificuldade que os/as jovens têm em romper com as normas no que diz respeito ao gênero binário, ou de entender o corpo como *lugar de registro da história, espaço de resistência* (FOUCAULT, 2001)

Grupos e espaços de lazer

Na cidade a rua foi, durante muitos anos, o lugar de brincadeiras e jogos, mas hoje a rua se transformou em lugar de perigo. Aos/as jovens urbanos resta a cultura-mercadoria que coloca à venda oportunidades de lazer, mas somente tem acesso aqueles que podem comprar.

Nos assentamentos rurais, os espaços de lazer são muito restritos; os jovens tem que criar seus próprios dispositivos para suprir suas necessidades de lazer, e essa falta tem se constituído em uma motivação para saída do campo.

As principais atividades de lazer mencionadas pelos jovens do Assentamento estudado foram: participar do grupo de break, jogar futebol, conversar com os amigos, dançar e ir à feira do Triângulo (distrito localizado na BR). Essa feira acontece todas as sextas-feiras à noite no triangulo, que fica cerca de um

quilômetro do assentamento. Na feira os jovens passeiam, namoram, *ficam* e consomem produtos como DVD, Cd.

Mas quais os espaços de lazer dos jovens pesquisados?

Na feira a gente vai passear, vai encontrar os amigos da gente, amigas, a gente sai pra passear, é... por exemplo, tem uma nova novidade na feira, então agente compra....por exemplo, eu comprei uma ligui-nha dessa, então lá na feira tem novas novidades... (Júlia, jovem do Assentamento, 1º ano do ensino médio, 15 anos).

A gente vai à praia, vai ao shopping, vai pra igreja, fazemos reuniões na casa de colegas, assistimos filme e tal, várias coisas. (João, 2º ano de Informática, 17 anos).

Fora da escola é pra gente assistir cinema e mais pra, por exemplo, cinema; é... que nós temos que estudar pra pensar no futuro, que nós falamos ontem, que nós somos muito ligados pra questão cultural. (Pedro, 2º ano de Turismo, 16 anos).

A escolha dos espaços de lazer além da satisfação, do encontro, tem também uma articulação com o consumo, com a aquisição de *capital cultural* (BOURDIEU, 1989).

As pesquisas sobre juventude demonstram a necessidade de espaços de lazer, de sociabilidade, onde os jovens possam criar suas linguagens, seus registros de comunicação, para sair do isolamento e enfrentar sua realidade.

Um espaço para reunir, trocar experiências é importante porque é no grupo que muitos jovens procuram apoio. Uma das formas mais recentes de encontro e comunicação dos grupos e associações é o ciberespaço, uma maneira de romper as fronteiras da sua comunidade, da sua cidade.

O grupo mudou minha vida pra melhor. Tanto pelo lado futebolístico da historia como pelo lado da amizade, né. Eu conheci novas pessoas, pessoas sinceras, amigos que tá ai, quando a gente precisa eles ajudam e tal. Não é só aqueles amigos que tão ai quando eu tô

com alguma coisa boa, são uns amigos que quando tá na fase pior da vida eles chegam junto, conversam, tal. (João, 2º ano de Informática, 17 anos).

No mapeamento dos grupos na escola profissionalizante constatamos que 50% dos/as jovens participam de grupos. Dentre os citados, por ordem decrescente, temos: grupo religioso, em seguida grupo de jovens, grupo de esporte, grupo musical, grupo de teatro e outros grupos (dança, grêmio estudantil e grupo de estudo).

No Assentamento, durante o trabalho de campo, identificamos uma banda, um grupo de break, um time de futebol masculino e um feminino. Um dado importante é que tanto a banda como o break têm na sua composição somente uma jovem em cada um deles e elas são irmãs dos líderes do grupo. Isso indica que determinados grupos são vistos como espaço masculino. Além desses grupos, existem o grupo de liturgia da igreja evangélica e da igreja católica e os grupos de amigos.

Os dados da pesquisa corroboram os demais estudos, indicando que os grupos juvenis e o lazer são temas centrais no cotidiano dos jovens. No entanto, as instituições relegam outras formas de aprendizagem que também são importantes para a formação humana, como os momentos de lazer e os grupos. Segundo Dayrell (2005), o grupo significa também um espaço para aprendizagem de crescimento pessoal, um dos poucos espaços coletivos em que há aprendizagem de relações de confiança coletiva.

Os meninos que jogam bola andam juntos, os que dançam swingueira, os emos, os mais estudiosos, os menos interessados são grupos de pessoas que andam juntos com o mesmo objetivo, esses grupos a gente vê muito aqui na escola. Alguns grupos têm conflitos, como os meninos que jogam bola não se familiarizam com os meninos da swingueira. As turmas são grupos, a turma do turismo é um grupo, a turma de informática, outro. (Carlos, 2º ano de Informática, 17 anos).

A noção do que é um grupo e sua importância é muito presente tanto na fala dos jovens da cidade como do campo. O gru-

po é um espaço coletivo onde podem construir juntos; por isso mesmo, alguns jovens da escola demonstraram insatisfação ao falar sobre a falta de permissão da coordenação em ceder o espaço da escola para realização de eventos. Embora a escola normatize o tempo e espaço dos/as jovens, mesmo assim, eles/as expressam que gostam da escola e sobretudo de algumas atividades como o recreio, as aulas de educação física e que gostam de conversar com os amigos. Na escola, a sociabilidade está muito presente nos momentos livres, como intervalos entre as aulas, o horário do almoço. Ao estudarmos sobre a sociabilidade da juventude não podemos deixar de considerar como o lazer, a arte e o esporte são operados de forma coletiva e também como são elementos fundamentais na vida dos jovens.

O grupo pressupõe interações, identificações entre as pessoas, embora as formas de afiliações e contatos se diferenciem. “Não haveria sociedade se não existissem afiliações sociais entre as pessoas, quer na forma de grupos, associações, organizações ou agregados sociais” (PAIS, 2008, p.208).

O grupo também tem suas contradições. Segundo Dayrell (2007), “os grupos se constituem como um espaço de trocas subjetivas, mas também palco de competições e conflitos.” (p.201).

A necessidade de agrupar-se faz parte do cotidiano dos/as jovens, na sua aparência, seus gestos e comportamento. No grupo, os jovens afetam e são afetados(as) por seus pares; o grupo é uma forma de compor-se, de formar novas relações ou de decompô-las e também de rebelar-se contra as imposições culturais.

Considerando a importância que o grupo tem na vida dos/as jovens, nossa pesquisa voltou-se para conhecer os espaços de sociabilidade e formação. Mesmo constatando, mediante pesquisas desenvolvidas com jovens rurais e urbanos, a importância do grupo, é também interessante questionar como os/as jovens e seus agrupamentos reagem diante da crise do *comum*. A concepção do comum se apoia em Negri (2003) que considera que “o comum é sempre construído por um reconhecimento do outro, por uma relação com o outro que se desenvolve nessa realidade” (NEGRI, 2003, p. 258).

Para nos ajudar a entender essas relações entre os grupos de jovens, buscamos o apoio teórico de Simmel (1983), quando afirma que a sociedade é movida de interações entre os indivíduos, surgindo essa interação a partir de objetivos e finalidades em comum, em uma relação de convívio um com o outro. Essa interação com outro, que passa de uma forma individual para o coletivo, é denominada sociação. A sociabilidade é uma forma de sociação, a forma mais livre de viver a vida, livre de todos os conteúdos. Mesmos em encontros por objetivos definidos e específicos, existe a socialização e o prazer de estar uns com os outros, reunidos. A forma como esse processo de sociação se desenvolve passa a ser a sociabilidade, que ocorre quando os indivíduos passam a interagir, surgindo essa interação sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades.

A fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência não são, em seu sentimento imediato, por si sós, sociais. São fatores da sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação. (SIMMEL, 1983, p. 166).

Podemos perceber, na nossa relação com os jovens do assentamento e da escola, que o grupo é um espaço de amizade, aprendizagem, de lazer, onde juntos os/as jovens exercitam seu corpo e sua mente.

Pra mim o grupo é só felicidade mesmo a vantagem que tem, de se divertir né, momento de lazer, tirar os pensamentos mau, não se envolver em coisa errada. (Lucas, jovem do Assentamento, 7ª série, 17 anos).

Passa tempo mesmo, é onde eu saio dos meus problemas, quando não tenho nada pra fazer, eu não gosto muito de jogar bola, boto música pra rolar ai agente dança. (Francisco, jovem do Assentamento, 9ª série, 16 anos).

A pesquisa demonstra a importância dos grupos na vida dos jovens. O grupo torna-se lugar de apoio, de expressão cultural, religiosa e política. Outro fator importante para os jovens é que a solidariedade do grupo não está separada da busca pessoal e das necessidades afetivas e comunicacionais dos membros na sua existência cotidiana (MELUCCI, 1997).

Essa dinâmica assim descrita demonstra como os/as jovens têm capacidade de produzir arte, cooperação, e como eles/as percebem a potência do coletivo e de cada um. Mesmo na contramão do capital cultural, os grupos de break, as bandas, o grupo de teatro conseguem fazer circular sua arte, com sua linguagem, sua inventividade expressa pelo seu corpo em movimento.

Os/as jovens reafirmam o sentido de pertencimento, o caráter cooperativo no interior da escola, do assentamento e suas formas próprias de comunicação.

O grupo é espaço privilegiado de apropriação de linguagens textuais e corporais, de uma estética e de um conjunto de símbolos que permite criar personagens. Estas expressões artísticas e simbólicas são manifestações da diversidade que constitui os grupos culturais juvenis.

Mesmo nos grupos de jovens e grupos religiosos os/as jovens encontram o lado lúdico dos encontros, das reuniões através das músicas, das brincadeiras, e isso pode se expandir para outras expressões artísticas, culturais e políticas.

Podemos constatar nas entrevistas e nos grupos de discussão que os eventos religiosos não se resumem à contemplação, porque existem outros registros, outras mobilidades táticas que possibilitam recriar formas de comunicação e sociabilidade, embora reconheçamos que, nos grupos religiosos, muitas vezes, os jovens reafirmam crenças, valores, reproduzem discursos prontos.

Nos grupos artísticos e culturais, nos grupos de amigos, nos grupos esportivos emergem singularidades que podem ser orientadas para construção de novos processos, maneiras de perceber o outro, o mundo, recusando o estilo de vida impostos a eles e elas. Interiorizam valores independentes dos registros ditados pelos meios de comunicação, pelo consumo. Recusam

e, ao mesmo tempo, estabelecem outra forma de apropriação da cultura, do lazer, da arte.

Os jovens têm muitos desejos, mais a sociedade acaba reprimindo. A escola tem os padrões e os alunos são obrigados a respeitar. (Uma jovem do curso de turismo, 15 anos).

Nosso grêmio é só representativo, pois tudo que queremos passa pela coordenação, e geralmente ela não aceita! Você é aluno e eu sou a coordenadora. Tentaram fazer uma festa de rallowen, mais a coordenadora só permitiu, se fosse a tarde e todos fardados! Os alunos também não aceitaram. (Um jovem do curso de informática, 17 anos).

Observamos que o grupo interfere no consumo, no lazer e contribui com a construção e apropriação do social, da cidadania e do senso crítico, na forma de perceber a realidade.

Na sociedade que vivemos hoje, vivemos um consumismo mais que exagerado, não estamos consumindo coisas para nossa sobrevivência, a gente chega numa loja e quer comprar sem precisar. (Isabel, 2º ano de Informática, 16 anos).

Geralmente é em grupo que os jovens se apropriam da rua, do bairro, do assentamento, da cidade. É também em grupo que resignificam e recriam os espaços e transformam em diversão, moldam seus corpos a uma identidade grupal.

O lazer, as novas tecnologias de comunicação e o consumo estão bastante associados ao modo de vida dos jovens. Para exemplificar, constatamos que o espaço de lazer que os jovens da escola mais frequentam para se divertir (48,8%) é o Shopping Center. A relação que os jovens estabelecem entre si no interior da escola pode ser percebida pela formação dos grupos de amigos, pelo grupo de teatro e também se estende para fora da escola, porque, segundo os próprios jovens, depois de passarem o dia juntos, no caminho de casa eles se comunicam pelo celular, pelas redes sociais e, nos fins de semana, saem em

grupo para divertir-se e consumir juntos, o que demonstra que o grupo interfere no lazer e no consumo dos jovens.

O jovem do assentamento que iniciou o grupo de Break nos relatou que, com o surgimento do grupo, ele passou a estabelecer com a dança uma relação quase de existência. Na sua fala ficou explícito o quanto o satisfaz praticar Break; é algo que o renova todos os dias, o faz feliz, é o domínio do próprio corpo, a potência do corpo. Segundo ele, a dança trouxe mudanças para a sua vida.

Meu sonho é dançar, é ser professor, é ensinar um bocado de gente, ser conhecido. (Lucas, jovem do Assentamento, 7ª série, 17 anos).

Percebemos que o presente e o futuro de alguns jovens estão atrelados à dança, como uma paixão que surge à primeira vista e que cresce com o tempo, com a experiência, sendo aquilo que lhe dá sentido para viver e sonhar. Vale ressaltar que é em meio ao grupo, isto é, de outros jovens com gostos parecidos com o seu, que ele vem construindo sua história, vem desenhando seu caminho, projetando seus sonhos. É o grupo que o faz acreditar na possibilidade de transformação e resistência.

Entretanto, os/as adultos/as desconfiam dos/as jovens, principalmente quando estão em grupo. No Assentamento estudado, ao conversarmos com um dos líderes, ele colocou que a associação sente a necessidade de colocar uma pessoa para acompanhar o grupo de Break, como se os/as jovens precisassem sempre de um adulto por perto para vigiar. Essa posição da liderança do Assentamento nos traz a reflexão de Pais (2003) quando ressalta que a juventude tem sido considerada social e historicamente como uma fase marcada por instabilidade associada a determinados problemas sociais, como delinquência, drogas, violência, desemprego, problemas com a escola e a família.

Para os/as jovens do Break, o grupo de dança é também o grupo de amigos, fora dos ensaios eles conversam, assistem filmes, saem juntos para ir às festas, à feira ou simplesmente passeiam juntos. Segundo Sales (2001), “as organizações simbolizam, para o jovem, um encontro, espaços de construção de

um devir, onde podem agir, falar, lutar, produzir e suscitar eventos culturais e sociais.” (p. 27).

O grupo é também espaço de formação e aprendizagem, quando juntos aprendem a dançar, a cantar, a compor as músicas, a dialogar com o grupo, protestar e reivindicar direitos.

Considerações finais

A relevância que o corpo exerce sobre o lazer, a sociabilidade juvenil e sobre a educação pode ser constatada nos dois campos estudados, a escola urbana e o assentamento rural; entretanto, é também o corpo um dos dispositivos que diferenciam e hierarquizam os jovens no que se refere a gênero, sexualidade, raça/etnia.

Na pesquisa constatamos que o corpo é a conexão entre os/as jovens e seus pares, seu grupo, é expressão de sentimentos, de arte, de protesto. Enquanto a sociedade, a escola, a família, a religião classificam, controlam, disciplinam e fazem a diferença dos corpos, os/as jovens por sua vez se rebelam e, através do corpo, produzem linguagens, gestos, percepções, rompem fronteiras identitárias do corpo (gênero, sexualidade), criam táticas de interação, de comunicação virtual.

Percebemos que as sociabilidades dos/as jovens e seus grupos estão em muitos casos associados à escola, o que nos leva a pensar que a escola, além de constituir um espaço de sociabilidade, também propicia interações e acesso a diversos espaços. No caso específico dos/as jovens do campo, a escola e mesmo o trajeto no transporte escolar produzem experiência e lazer.

Uma ferramenta de lazer e sociabilidade dos jovens são as redes sociais. Para os/as jovens o espaço virtual é em determinados momentos associado ao estado de satisfação, de descontração, prazer, quando utilizado para manter relacionamento, conhecer novas pessoas, descobrir coisas novas. Através das redes conciliam o cumprimento de uma obrigação (atividades escolares, aula de informática), com momentos de descontração (acesso ao *facebook*). As redes tornam-se espaço de expressar sentimentos, arte, ideias sobre os mais diversos assuntos

sociais, políticos, afetivos; expõem suas vidas, seus relacionamentos, sua orientação sexual, suas habilidades, assumem visibilidades e se fazem ouvidos e vistos.

Observamos também que, mesmo dispondo de poucos espaços de lazer, tanto no assentamento rural, como na escola da cidade, os/as jovens criam novos espaços e até mesmo reinventam espaços antes não explorados, como o quintal da casa de um dos jovens que o grupo de break utiliza para ensaiar.

No decorrer da pesquisa os jovens mostram, em suas narrativas, que o lazer é um espaço/tempo para o desenvolvimento de relações de sociabilidade, de troca de experiências e de vivências, por meio das quais os jovens procuram estruturar novas formas de identidades individuais e coletivas.

Para esses/as jovens o lazer ocorre em grupo. Portanto, o lazer faz parte tanto dos desejos pessoais, como dos desejos coletivos e, por isso, tem conexão com seus percursos, seus sonhos, seus corpos, seus grupos. Como diz Deleuze (1998), nunca se deseja algo sozinho, o desejo é sempre em um conjunto; portanto, o lazer é algo que vem associado a outras questões, pois desejar tem o sentido de construção, de *construir um conjunto*.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. São Paulo: Difel, 1989.
- DAMASCENO, Maria Nobre et al. (Orgs.) **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n.100, oct. 2007.
- _____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Revista de Estudos Sobre Juventude**, Rio de Janeiro, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1998.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transsexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUERRA FILHO, Raulito Ramos. Reflexões sobre o tempo livre, o lazer e o antilazer. **Revista Partes**, a, IV, n. 48, ago. 2004.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

LOURO, Guaracira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guaracira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte-MG: Autentica. 2001.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, set./dez. 2006.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação – ANPED**. Juventude e contemporaneidade, n. 5 e n. 6, maio/dez. 1997.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre o Império**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

PAIS, José Machado. Culturas de Grupo. In: LAGES, Mario Ferreira e MATOS, Artur Teodoro. (Orgs.). **Recursos de interculturalidade**: contextos e dinâmicas. Lisboa, Alto-Comissário para a Imigração e Diálogo Culturas, 2008. p. 207-255.

_____. Aventuras, desventuras e amores na ilha de Santa Maria dos Açores. **Análise Social**, XXVIII (123-124), p. 1011-1041, 1993.

_____. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PLATÃO. **Fédon**. 4. ed. Tradução Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1987. (Coleção Pensadores).

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda e SOIHET, Rachel. (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

SALES, Celecina de Maria Veras. Juventude, espaços de formação e modos de vida. **Revista ETD**, Campinas: UNICAMP, 2010.

_____. Juventude, política e relações de gênero: o jovem enquanto sujeito político. In: AMARAL, Célia C. Gurgel; SALES, Celecina de M. Veras e outras (Orgs.). **Múltiplas trajetórias**. Fortaleza: REDOR/NE-GIF-UFC, 2001.

SAMPAIO. Tânia M. Vieira. Saúde e Religião: binômio desafiado pela epidemia do HIV/AIDS. **Revista Religião e Saúde**, a. 4, n. 16, jun. 2009. Disponível em:

http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=316&-cod_boletim=17&tipo=Artigos

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática. 1983. p. 165-172.